

**'VIAGENS' DE UMA PSICANALISTA PAULISTANA PELA PUC DE SÃO PAULO
EM TEMPOS DE PÓS-PSICOLOGIA**

Maria Angela Santa Cruz

(Obs.: Estas 'viagens' dispensaram o uso de veículos tais como ônibus ou aviões. Os veículos privilegiados foram o tempo, o imaginário, a memória e o desejo.)

Falava-se, no final da década de 1980, que a universidade brasileira, especificamente no que se referia aos programas de pós-graduação em psicologia, havia chegado a tal ponto de esclerose, fragmentação e improdutividade, que poderia ser entendido até como heresia um candidato ao 'pós' se apresentar pleiteando um espaço de pesquisa – já que tanto os programas de mestrado como doutorado, sabidamente, tinham sua existência voltada quase que exclusivamente para a carreira acadêmica. Essa estranha deformação das funções da universidade, suas possibilidades criativas reduzidas à atribuição de conferir títulos acadêmicos, atendia a uma demanda de um mercado de trabalho saturado que, produzindo suas próprias perversões, empurrava muita gente para o pós-graduação, para a manutenção de seus mal remunerados empregos de professores. Ainda assim, a universidade continuava sendo um espaço no qual, eventualmente, se poderia encontrar um ou outro professor e um ou outro aluno interessados na produção de conhecimento novo, tudo muito casual, isolado e personalizado. Ainda era via universidade que poderia se abrir possibilidades de bolsas que bancassem, mesmo que precariamente, tempo de estudo mais intenso.

O que se falava era verdade, ou uma parte dela.

O que se vivia era o tempo muitas vezes morto, a inércia que um individualismo e uma solidão extremados produziam.

Individualismo, isolamento e desenraizamento: pais do totalitarismo, como dizia Hanna Arendt.

O que parecia ser totalitário no espaço do 'pós' naqueles tempos? A forma de gestão? A circulação do poder? Talvez não. Vivia-se em seus corredores e salas de aula algo como um liberalismo *laissez-faire*, um alheamento e distanciamento muito grandes de qualquer prática ou discurso sobre ou a partir de um coletivo. Mas algo muito claro saltava aos olhos: alunos e professores, com uma ou outra exceção, como que encarnávamos, cada qual à sua maneira, a ideologia máxima do individualismo: a igualdade do isolamento, a fraternidade do silêncio, a liberdade da produção de discursos mais ou menos prepotentes e fechados. E era isto que parecia ser totalitário! O saber incrustado, encastelado em cada cabeça, produzido *por indivíduos e para indivíduos*, mônadas especulares dos anônimos em massa da cidade grande.

Tempos estranhos aqueles. Escuros e narcísicos. Escuros a ponto de terem produzido um presidente 'collorido' para este país das universidades paralisadas pela "cultura da incompetência" (cf. revista *Veja* – 8.5.1991; p. 66).

No país dos 'medalhões', nada como sair do anonimato produzido pela igualdade entre indivíduos, para se fazer 'pessoa' (na acepção que Roberto da Matta confere a este termo em *Carnavais, malandros e heróis*), alguém de destaque, seja pela demonstração de um saber construído dogmaticamente, seja pela apresentação de insígnias do poder e do saber.

A mediocridade do dogmatismo é a outra face do saber totalitário, despótico, produtor e produzido por corações e mentes paralisados.

Mai de 1991. É o tempo de constatar as "barricadas no tempo" (segundo uma feliz expressão de Virílio, citada por Peter Pál Pelbart em seu artigo 'A nau do tempo-rei'), que pudemos produzir no circuito infernal do tempo inerte da improdutividade *versus* o tempo acelerado, histórico, do ter que responder às infinitas demandas de acumulação de insígnias do poder do saber.

'A universidade' mudou? Impossível e indesejável pensar em mudanças totais, globais, universais. Prefiro tentar deixar que se esculpa o esboço do que vejo se formar como forças 'pluriversais' ou 'multiversais'. Talvez até pudéssemos falar em 'pluriversalidade' nestes tempos que são outros.

Primeiro semestre de 1990. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Acontece uma mudança na coordenação do programa e, simultaneamente, um pedido-incitamento, por parte da coordenação, de uma maior participação dos alunos no espaço acadêmico.

Agosto de 1990. A partir de felizes, produtivos, mas ainda desconfiados encontros, cria-se um espaço novo no 'pós': alguns alunos, alguns professores e algumas pessoas 'de fora' do circuito da universidade passam a se encontrar sistematicamente para estudar juntos. Forma e conteúdos novos. A questão que nos movia era a de pensar a constituição do sujeito moderno, historicamente produzido (e como pensar essa produção histórica?), na sua articulação com o sujeito tal como formulado pela psicanálise (qual psicanálise?). Ao menos era este o móvel explicitado, socialmente compartilhado.

Chegávamos ariscos, defendidos, cada qual empunhando sua bandeira, falando em nome de alguém ou de alguma Idéia ou sistema de idéias. Éramos ou os psicanalistas, ou os lacanianos (interessante a existência dessa categoria à parte dentre os psicanalistas) ou os foucaultianos, deleuzianos, ou ainda, em algumas vezes, os 'suelianos' (os que encarnavam o discurso de Suely Rolnik). Mas chegávamos, também, em nome de ninguém, na nossa curiosidade corajosa, na nossa ignorância intimamente reconhecida, mas só muito depois publicamente assumida, no nosso desejo de ver nossas inquietações ainda difusas tomarem forma.

Nosso primeiro encontro com um 'cara do Rio' – Benilton Bezerra Jr. – parece que foi um marco. Benilton vinha para apresentar uma sugestão de bibliografia que pudesse nos servir de referência para a pesquisa da questão que nos tocava. Assim fez... E algo

mais: o encontro com ele parece ter sido fundante de algumas características que o grupo passou a reconhecer e desenvolver. Como se o grupo, nesse encontro, pudesse se olhar composto por gente de diferentes origens, diferentes papéis na universidade, diferentes idades e tempo de experiência profissional, diferentes inserções profissionais. Ao mesmo tempo, como se pudéssemos nos ver mais 'igualados' numa posição de 'não saber' diante de um percurso de um conhecimento encarnado no texto do Benilton, na bibliografia trazida pelo Benilton, na figura do Benilton. Afinal, Benilton não era nem o psicanalista, nem o foucaultiano-deleuziano, nem o antropólogo, nem o historiador. Era o veículo de um conhecimento tornado possível por todos esses saberes. Mas algo dizia que não era só por esses saberes: havia uma *produção coletiva* de um saber, que naquele momento Benilton encarnava. Acho que foi isso que nos comoveu.

Estávamos co-movidos, nos tocando devagar desde a própria iniciativa daquele trabalho. Mas como que, a presença do Benilton precipitou uma forma antes apenas virtual.

O ímpeto com que nos atiramos ao estudo de Hanna Arendt, anterior mesmo à capacidade de mobilização do próprio texto, parece querer falar disso: de como estávamos movidos de nossas posições originais, conjuntamente.

A força-pulsão produzida (ou liberada?) a partir daí foi intensa.

Afinal, estávamos criando um espaço público da "palavra viva" e da "ação vivida" (Hanna Arendt) dentro da uni-versidade, que a transformava, de dentro, em pluri-versidade. O isolamento e desenraizamento anteriormente vividos por todos nós, em maior ou menor medida, espatifavam-se na "barricada no tempo" que o grupo se permitiu configurar naquele momento. Era um momento de uma profusão de produções: intelectuais, emocionais, de novos relacionamentos e relações, de produção e re-organização de novas posições.

Penso que este foi o momento inaugural, o primeiro.

O segundo momento parece ter sido de contrafluxo, de ressaca: algumas pessoas deixaram de participar das reuniões, outras apareciam e desapareciam, outras ainda não conseguiam sustentar o compromisso grupal de leitura dos textos. As diferenças voltaram a aparecer como desigualdades, ganchos para uma hierarquização dentro do grupo. Como se voltar ao porto-seguro das posições originais pudesse garantir um freio para as mudanças que se delineavam. O primeiro encontro com Jurandir Freire Costa serviu de palco, entre outras coisas, para uma discussão entre Renato Mezan e Suely Rolnik, que naquele momento pareciam representar o discurso da psicanálise *versus* o discurso da esquizo-análise. Isto, a meu ver, acabou servindo de pretexto para a marcação das diferenças como desigualdades, e para precipitar a 'cizânia' em gestação.

Estávamos nós, de novo: os psicanalistas, os lacanianos, os deleuzianos-foucaultianos, cada qual com sua 'bibliazinha' a lhes garantir, seguramente, a superioridade. A preocupação com a "excelência" (Hanna Arendt), com o movimento de ser visto e ouvido por outros para ser legitimamente reconhecido em cada singularidade, novamente havia perdido a batalha contra as forças narcísicas, territorialistas, invejosas. Ganha esta batalha pelo

lado da 'superioridade', o tempo no grupo fez-se mais moroso e improdutivo. O tema de discussão era 'Família, sociabilidade e transformação social'. O individualismo tomava de assalto, novamente, o espaço do público.

Foi no curso desse movimento que começamos a ler Foucault – *História da sexualidade. A vontade do saber*. Penso que o encontro disparador de um novo movimento – o terceiro – neste caso aconteceu com o próprio texto. A excitação voltou a modular as vozes. A novidade, no que ela tem de gosto de vida nova, voltou a mexer com as sensibilidades. Aprumados para um novo rumo, o grupo ainda se fez palco de um ou outro enfrentamento entre posições; enfrentamentos mais explícitos, mais marcados: entre aquelas posições sintonizadas com o novo grupo e aquelas que se mantinham atadas às formas iniciais. Falo de posições, e não de pessoas, porque me parece que as pessoas rodiziaram em diferentes posições, em diferentes momentos do processo grupal.

Na ocasião da conferência de Joel Birman, encontrou-se um grupo com rota nova, ainda indefinida, meio à deriva, mas nova. Parece ter sido um novo marco, a produção de um outro momento. Daí algo fecundou. Penso que a gestação ainda está sendo feita. O novo rumo ficou mais claro. A direção que indicava foi seguida. Penso que o grupo terminou 1990 com essa indicação, apesar da segunda visita de Jurandir Freire Costa, posterior a esse movimento, também ter trazido novos elementos a serem metabolizados pelo grupo. Mas não cabia mais nada. Já estávamos prenhes, fecundados por nossos múltiplos encontros, entre nós, entre nós e os textos, entre nós – textos – Benilton – Joel – Jurandir.

O ano de 1991 nos encontra nesse 'estado interessante'. Ao retomar os trabalhos com o grupo, vivemos um momento de descuido e atropelamento desse 'estado interessante': queríamos incluir mais coisas novas. Desta vez, pessoas novas. Isto, sem nos darmos conta de que o que estávamos era e é de uma força e dificuldade assustadoras. Nós 'apenas' queríamos (e acredito que ainda queiramos):

1) articular Freud e Foucault;

2) processar e preservar a liberdade que conquistamos e exercemos no espaço que se fez público;

3) suportar que a "nossa transferência principal é com o trabalho e não com as estrelas ou com o grupo legal" (expressão de Felficia Knobloch na reunião de 'avaliação' de 3.4.1991). E reconhecer que suportar 'isso' é permitir que um novo circuito libidinal se instaure em nós: o circuito do 'prazer do saber';

4) exercitar nossa singularidade e reconhecer a singularidade do outro;

5) cuidar para que o 'tempo que tudo devora' possa se abrir para o 'tempo que tudo cria'. Nossa memória e o registro da nossa história me parecem importantes como marcos dessa criação.

O Programa de 'pós-psicologia' também é outro. Esse 1991 não encontrou 'A Psicologia' no pós da PUC, muito menos 'A Psicologia para acadêmicos'. Hoje existem núcleos de pesquisa que falam de diversas 'psicologias'. E existe pesquisa! Existem multiplicidades de produções, mais ou menos conhecidas, mais ou menos divulgadas, e parece estar existindo trabalho. E só existe trabalho produtivo onde a força de uma pulsão

disruptora encontrou passagem. Aí, no encontro do múltiplo e do singular, é que talvez esteja a capacidade criativa da universidade.

O que isto tem a ver com o nosso 'grupo de estudos da subjetividade moderna e sua articulação com o sujeito da psicanálise', com seu 'estado interessante', com sua conformação de espaço público?

Prefiro deixar indicado o que talvez Hanna Arendt responderia (via Celso Lafer, página 2 da *Condição humana*): "A liberdade só pode ser exercida mediante a recuperação e a reafirmação do mundo público, que permite a identidade individual através da palavra viva e da ação vivida, *no contexto de uma comunidade política criativa e criadora*". (O grifo é meu.)

